

UM OLHAR PARA A FOLIA DE REIS EM TRÊS CORAÇÕES/MG: RESSIGNIFICADOS E REPRESENTAÇÕES

Maria Alzira Leite¹

*A estrela do oriente
Fugiu sempre dos Judeus
Pra avisar os três Reis Santos
Que o Menino Deus nasceu
(Moreno e Moreninho)*

RESUMO: Alegria, músicas, crenças e valores, eis as palavras-chave que podem circular na(s) nossa(s) forma(s) de ver o mundo, quando nos deparamos com a Folia de Reis, desta ligada à tradição católica que costuma encantar, e ao mesmo tempo, despertar determinadas curiosidades nas pessoas em relação à celebração dos Três Reis Magos. Na tentativa de compreender o movimento das representações, em um grupo de Folia de Reis, na Cidade de Três Corações, Estados de Minas Gerais, objetiva-se neste artigo analisar os mecanismos enunciativos nos modos de dizer desse grupo, a fim de apreender como os discursos podem construir representações modificando as formas de sentir, ver e agir nas companhias de reis.

PALAVRAS-CHAVE: Folia de Reis; Representações Sociais; Modos de Enunciar.

RÉSUMÉ: Joie, musique, croyances et valeurs sont les mots clés qui peuvent circuler dans notre vision du monde lorsque nous rencontrons le Folia de Reis. Fête liée à la tradition catholique qui enchante et suscite en même temps certaines curiosités chez les gens concernant la célébration des Trois Rois. Dans le but de comprendre le mouvement des représentations, dans un groupe de Folia de Reis, dans la ville de Três Corações, dans l'État de Minas Gerais, cet article a pour objectif d'analyser les mécanismes énonciatifs de ce groupe, afin de comprendre comment les discours Ils peuvent construire des représentations modifiées des manières de ressentir, de voir et d'agir dans les entreprises des rois.

MOTS-CLÉS: Folia de Reis ; Représentations Sociales, Façons de Dire.

Introdução

Este artigo compôs um projeto maior intitulado “Imagens, Vozes e Sentidos na Folia de Reis em Três Corações”. Na época, em 2015, o trabalho estava vinculado ao Grupo de Pesquisa Logos – Estudos de Língua, Linguagem e Discurso, na Universidade Vale do Rio Verde – UninCor – Três Corações. Esse grupo de pesquisa contemplava a análise e a compreensão das práticas linguísticas e discursivas da/na região de Minas Gerais. Além disso, promovia um espaço de produção e circulação de conhecimento sobre a linguagem e suas especificidades no cenário mineiro.

Nessa conjuntura, como a Folia de Reis é uma manifestação folclórica no Brasil e mantém a sua presença no interior, em regiões cafeicultoras e de cana-de-açúcar,

¹ Doutora em Letras: Linguística e Língua Portuguesa. Docente no Programa de Pós-Graduação do Centro Universitário Ritter dos Reis – UniRitter – Porto Alegre – RS. E-mail: mariaalzira35@gmail.com

principalmente, na cidade Três Corações,² considerei pertinente abrir um diálogo entre as abordagens das representações sociais e o viés discursivo, a fim de compreender o movimento de representações nos modos de enunciar de um grupo de foliões.

Vale pontuar que a teoria das Representações Sociais considera que o uso da linguagem, numa perspectiva interacional, pode favorecer uma reconstrução da realidade. A partir disso, novos sentidos tendem a ser ressignificados nas interações. (LEITE, 2017).

Por esse ângulo, o primeiro objetivo deste artigo é o de analisar os mecanismos enunciativos nos modos de dizer de um grupo, a fim de apreender como os discursos podem construir representações modificando as formas de sentir, ver e agir numa companhia de reis. Secundariamente, espero que este trabalho possa também colaborar com as pesquisas que se dediquem ao exame dos modos de enunciar, o que pode legitimar a manutenção discursiva da memória de uma comunidade.

Para a pesquisa, privilegiei um estudo de natureza explicativa e interpretativa, numa abordagem etnográfica e participativa. Então, na rotina de inserção no campo, não era suficiente estar no local de produção de dados. Era necessário, então, se inserir na rotina dos foliões.

Destaco que esta seção em curso tem a finalidade de apresentar a justificativa para a escolha do objeto de estudo, bem como os objetivos a serem alcançados. Na seção, **Folia de Reis: um conceito que ultrapassa a imagem de festa**, há uma discussão sobre o conceito de Folia de Reis e o cenário que a compõe. Em **As representações numa perspectiva processual**, realizo uma exposição sobre o ato de representar e as noções teóricas que permeiam as representações sociais. Em **O caminho metodológico**, apresento o passo a passo da pesquisa e na próxima seção, **Folia de Reis: da promessa ao milagre**, discorro sobre as representações sociais imbricadas na ancoragem e na objetivação. Nas considerações finais, uma breve reflexão sobre o encaminhamento das representações e os seus ressignificados.

1. Folia de Reis: um conceito que ultrapassa a imagem de festa

A Folia de Reis é uma grande comemoração que referencia a época natalina. Há indícios de que se filie ao ciclo de festas populares, com teatralizações, derivadas das

² A cidade de Três Corações possui, inclusive, uma Liga Tricordiana de Folia de Reis (Litrifor), liderada, em 2015, pelo Vice-Presidente e folclorista Odair Martins Mendes.

“janeiras” e “reis” portugueses. Na maioria das vezes, o período dessa festa corresponde à véspera de Natal, até 06 de janeiro, sendo essa data considerada como o dia de “Reis”. (CASCUDO, 1984, p. 668).

Normalmente, as Folias possuem de 12 a 30 componentes. A organização tem uma hierarquia estabelecida com a função de cada membro.

O Mestre (Capitão ou Embaixador) é a autoridade suprema. Todos precisam obedecê-lo. O Mestre é o “puxador” do canto. Ao seu lado, há o contramestre que “responde” o canto. É ele, também, quem recolhe os donativos. (GORZONI, 2007).

Em Minas Gerais, no cenário tricordiano, a comunidade é bem acolhedora. Geralmente, aqueles que recebem os foliões já deixam na porta da casa, um pequeno altar. Isso significa que os foliões são bem-vindos naquele espaço. Além disso, costumam preparar uma ceia para os membros folia, o que reforça a receptividade.

Os Alferes da Bandeira (Bandereiro) é encarregado de levar o símbolo central: a Bandeira. Ela é confeccionada seguindo os critérios de cada grupo. Na verdade, ela é um estandarte de madeira ornado com desenhos, escritas ou imagens religiosas. Em época de Folia, o Alferes oferece a bandeira para o proprietário da casa, que a conduz em todos os cômodos a fim de benzê-los. (GORZONI, 2007).

Em Três Corações, as bandeiras são muito coloridas, e, algumas possuem a imagem da Sagrada Família. É preciso esclarecer que cada grupo tem a liberdade para enfeitar a bandeira e deixá-la como um símbolo de representatividade daquele grupo.

Os Palhaços, conhecidos também como Marungos, geralmente, aparecem num número de 3 e se posicionam distante da Bandeira. Essas personagens possuem uma caricatura do mal e estão sempre mascaradas. (GORZONI, 2007).

Apesar das imagens negativas, os Marungos, em Três Corações, aguçam a curiosidade das crianças. Talvez pela forma de dançar, pular e realizar malabarismos. Pelas minhas observações, notei que o público infantil enfrentava o medo das máscaras e brincava com os gingados das personagens.

Assim, numa dinâmica de giros, as folias percorrem as ruas, cantando o nascimento de Jesus. Há uma peregrinação pela cidade à procura de acolhida ou em direção ao Presépio. Alguns foliões solicitam aos proprietários das casas que abram os seus portões para confraternizarem com a saudação. Diante dessa entrada, eles cantam e benzem a família. É

importante dizer que esse canto é uma toada que possui um ritmo responsarial, isto é, o Mestre canta e o grupo responde.

A título de ilustração, observem que a cada “estrofe” um integrante fica responsável pelo canto.

“Folia do Divino”
(Irmãos Freitas)

Mestre
Senhor e dono da casa é vai chegando a folia
Vem beijar a nossa bandeira e escutar a cantoria
Vem beijar a nossa bandeira e escutar a cantoria ai, ai, ai

Contramestre
Senhor e dono da casa, se não for muito custoso
Vem abrir a sua porta que nós viemos de pouso
Vem abrir a sua porta que nós viemos de pouso ai, ai, ai

Todos
Nosso corpo quer descanso nós precisamos dum canto
Nossa arma quem vigia é o divino espírito santo
Nossa arma quem vigia é o divino espírito santo ai, ai, ai

Mestre
Senhor e dono da casa, a folia vai saindo
Fica com Deus nosso Pai e a proteção do Divino
Fica com Deus nosso Pai e a proteção do Divino ai, ai, ai

Notem que a toada do Mestre, num tom imperativo, convoca os donos da casa para a saudação maior, ou seja, beijar a bandeira. Observem, ainda, que a repetição dessa ação, indicada pelo verbo “vir” tende a reforçar esse chamado. Dessa forma, o interlocutor é também intimado a participar da cerimônia de comunhão e troca. Veja também que na progressão do canto, os membros da folia se posicionam conjuntamente, pela escolha lexical “nossa”. Nessa lógica, as vozes do Mestre, Contramestre e dos demais integrantes legitimam a sintonia de emoções.

Saliento que apesar dessa celebração ocorrer em dezembro e janeiro, os foliões costumam se apresentar em determinados eventos e encontros durante o ano, em cidades do Sul de Minas.

O outro ponto a se destacar é que a organização da Folia de Reis se dá durante todo ano. Então, é necessário organizar os ensaios envolvendo o cantar, o dançar e o recitar. A preparação dos hinos ocorre quinzenalmente, na casa de algum folião. No dia do ensaio,

aproveita-se para a realização de uma reunião com uma pauta relativa às pendências da comemoração do final do ano.

É importante pontuar que nessa logística de preparação da Folia de Reis se forma uma grande rede familiar. Nela, o homem tem um papel de destaque no comando das ações.

Essa inspiração de liderança pode estar atrelada às figuras dos Três Reis Magos. As iniciativas desses três homens, protagonistas de uma primeira adoração a Jesus Cristo, são apresentadas no Evangelho de São Mateus, Capítulo II. Nessa passagem, há a narração da viagem dos Reis Magos, que, guiados por uma estrela do oriente, vão ao encontro do Menino Jesus, recém-nascido numa manjedoura. Assim, vivendo num cenário de perseguição de Herodes, no caminho desse trajeto, os Reis Magos eram recebidos por famílias que os acolhiam num ato de solidariedade. (CASCUDO, 2001).

A cena de benevolência é uma marca dos foliões em Três Corações. Em cada encontro, e a cada reunião que eu estive presente com os integrantes da Folia, houve uma recepção com lanches e músicas.

Cascudo (2001, p. 580) ressalta que a figura desses reis está presente no Brasil desde a sua colonização. Segundo ele, a história passou a ser dramatizada “com canto de dança, recebendo a contribuição dos cantos e a produção literária anônima em louvação ao Divino Natal.”

Em Três Corações, a composição dos hinos, imbricados nas trovas, é planejada também nas reuniões que ocorrem quinzenalmente. Mas esse planejamento não impede que improvisações sejam realizadas nos eventos e nos dias da própria festa. Segundo o relato de Odair Martins Mendes, alguns foliões podem ser “iluminados” e, a partir disso, tendem a ressignificar as trovas.

Já as mulheres participam timidamente no grupo de foliões. O destaque feminino está na logística que envolve a recepção dos convidados para os ensaios ou reuniões; preparação dos lanches, almoços e confecção e/ou conserto das roupas dos foliões.

Pelas minhas observações e entrevistas, as mulheres não se sentem incomodadas com essa posição. Na verdade, acreditam que o papel de preparar o cenário que envolve a Folia de Reis é de grande valor. Essas representações, do lugar do homem e da mulher, decorrem de uma tradição, pautada nas gerações, considerando uma memória afetiva, centrada na convivência com os pais, avós e bisavós. De acordo com Odair, a representação da composição familiar vem da imagem de uma sagrada família.

Segundo Nora (1993, p. 9), “a memória emerge de um grupo que ela une [...]”. No caso da Folia de Reis, em Três Corações, a memória resgata do passado a formação e a vivência religiosa de grupos e familiares.

O número três também é uma simbologia que acompanha a história dos foliões, seja pelo nome da cidade e na própria composição dos Reis Magos. Desse modo, a configuração familiar – homem, mulher e filho(s) – está representada em altares, nas casas dos Foliões.

2. As representações numa perspectiva processual

Desde 2009, venho me dedicando aos estudos das Representações Sociais. Ressalto que discorrer sobre o significado de representação e da própria teoria é um desafio, pois são muitas vertentes de defesa conceitual, em diferentes áreas, tais como: Comunicação, Linguística e Psicologia Social. Para este estudo, assumo o conceito de representação, na linha da Psicologia Social, mais especificamente, no recorte processual.

De acordo com Jodelet (2001), citada por Jovchelovitch (2008, p. 175), “toda representação está ligada ao esforço de pessoas e comunidades para representar a si mesmos, mesmo quando existe a intenção ativa de retirar e controlar a dimensão subjetiva da representação [...]”.

Nesse sentido, as representações são de um grupo X sobre um determinado objeto e/ou tema. Cabe enfatizar que o meio social possui uma predominância no movimento da representação, porém, o sujeito, numa interação, tem uma participação ativa nesse meio e pode mudar as suas formas de pensar, sentir e agir sobre uma dada realidade. Numa dinamicidade, as formas de pensar, sentir e agir se articulam e são dirigidas pelas práticas, podendo orientar comportamentos (LEITE, 2017). Por conseguinte, as representações permeiam o conhecimento em movimento, isto é, os saberes em construção.

Podemos dizer que as representações circulam, se entrecruzam e se cristalizam continuamente, por meio de uma palavra, de um gesto e/ou de uma reunião. Elas impregnam a maioria de nossas relações estabelecidas, os objetos que nós produzimos ou consumimos e as comunicações que estabelecemos. (MOSCOVICI, 1996, p. 41). Desse ponto de vista, os indivíduos são considerados pensadores ativos. Isso quer dizer que, na interação social do dia a dia, “produzem e comunicam incessantemente suas próprias representações e soluções específicas para as questões que se colocam a si mesmos.” (MOSCOVICI, 1984, p. 16).

Na perspectiva processual, Jodelet (2001, p. 22) define as representações sociais como “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, tendo uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social.” A sua dinamicidade em termos de “processo” é um círculo vicioso no qual os aspectos culturais, valorativos e explicativos estão presentes nos objetos e nos sujeitos. No círculo vicioso, estão presentes, também, os modos de dizer, deflagrando representações.

Conforme Jodelet (2001, p. 27), há quatro características fundamentais no ato de representar:

- a representação social é sempre representação de alguma coisa (objeto) e de alguém (sujeito);

Exemplo: A Folia de Reis para um grupo de Foliões.

- a representação social tem com seu objeto uma relação de simbolização (substituindo-o) e de interpretação (conferindo-lhe significações);

Exemplo: A Folia de Reis é família.

- a representação será apresentada como uma forma de saber: de modelização do objeto diretamente legível em diversos suportes linguísticos, comportamentais ou materiais – ela é uma forma de conhecimento;

Exemplo: a Folia de Reis é cultura e folclore.

- qualificar esse saber prático se refere à experiência a partir da qual ele é produzido, aos contextos e condições em que o é, e, sobretudo, ao fato de que a representação serve para agir sobre o mundo e o outro.

Exemplo: A Folia de Reis é promessa.

Observem que esses exemplos são possibilidades de representações da Folia para um determinado grupo de foliões, inseridos em uma determinada cidade: Três Corações.

3. O caminho metodológico

Como professora de metodologia científica, tenho o hábito de dizer que escolher um caminho metodológico implica lidar com as fragilidades dos instrumentos, com as próprias representações e com os riscos de um envolvimento emocional com o trabalho. Assim, o percurso de estudo é engendrado por travessias, descobertas, inseguranças, mas também, é caracterizado por avanços.

À medida que se (re)define o olhar investigativo, dialoga-se com as possibilidades e delinea-se o quadro metodológico. Nessa travessia, ganha-se confiança para se chegar no mapeamento do percurso que aponta a direção dos objetivos. Diante disso, realizar os ajustes na rota, saber lidar com os contratempos é o que nos faz pesquisadores.

Conforme já assinalado, as representações sociais compõem uma realidade, circulam em um grupo e está imbricada nas interações e comportamentos. Nesse processo, outras representações emergem e são mediadas por aquilo que Moscovici chama de “flutuação de sistemas unificadores”. Esses sistemas são as ciências, as religiões e as ideologias sociais. (MOSCOVICI, 2007 p. 48). Tal coletividade acaba enxergando suas ideias e relações por meio de seus próprios comportamentos coletivos. É o que o autor chama de sociedade pensante, ou pensamento considerado como ambiente.

Nessa esteira, a nossa investigação requer o movimento de observar, descrever e interpretar o movimento das ideias para uma dada realidade. Para isso, assumimos a pesquisa qualitativa como parte da prática metodológica. Logo, essa pesquisa permeia uma ação interpretativa. O olhar qualitativo pode dar visibilidade ao todo, (re)transformando o objeto em representações e ressignificações realizadas pelo próprio sujeito da pesquisa.

Privilegiamos, ainda, a pesquisa etnográfica, pois o meu interesse ultrapassava a observação e a descrição dos fatos e das pessoas. O alicerce deste trabalho está também em interpretar a interação dos sujeitos da pesquisa com o seu próprio dizer.

3.1. A escolha do Grupo de Folia de Reis

Para cumprir os objetivos deste trabalho, busquei um grupo cujos os integrantes participassem da Folia em Três Corações; fossem comprometidos com as ações do grupo como um todo; possuíssem um conhecimento sobre a história de Folia de Reis. Isso quer dizer

que esses sujeitos não poderiam ter uma opinião, sem fundamentação. Era preciso ter uma “experiência social” com o objeto de estudo e com o seu grupo. (VALA, 2007, p. 362).

Cabe salientar que a representação é produzida coletivamente, ou seja, por um grupo, mas não qualquer grupo. Para uma pesquisa desse porte, a concepção de grupo não se limita a um conjunto de indivíduos unidos. O conceito de grupo nesse cenário se refere a um conjunto de indivíduos que mantém determinada relação com o objeto de representação. (MOLINER, 1996).

Para chegar até esse grupo, a presença do Vice-Presidente e folclorista Odair Martins Mendes foi primordial. Odair me apresentou 3 (três) Folias de Reis. Após conhecer os seus integrantes e considerando o critério de seleção de sujeitos, exposto anteriormente, selecionei o Grupo “Luz do Oriente³”.

E a partir dessa seleção, comecei a frequentar assiduamente as reuniões, os eventos, encontros e ensaios da Folia de Reis. E, dando prosseguimento aos meus anseios, com o passar do tempo, conversei com as pessoas grupo sobre o meu papel ali, naquele lugar, de pesquisadora. Expliquei os objetivos do estudo e apresentei o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Nesse momento, emergiu o primeiro desafio: os foliões não entendiam a minha explicação, os meus objetivos e o meu linguajar. A minha imaturidade de pesquisadora talvez tenha contribuído para essa incompreensão, na época.

Iniciei, então, uma nova rota para o projeto: tentei me aproximar mais do dia a dia dos foliões. E tentei esquecer a minha imagem da pesquisadora e para me reconfigurar como um membro da comunidade, ou melhor, como um elemento daquele grupo de foliões, na cidade de Três Corações.

3.2. Como parte da família dos foliões

Em vários momentos da pesquisa, eu visitei as casas dos Foliões. Primeiramente, essa visita se dava pelo logística do estudo. Mas, com o passar do tempo, laços afetivos foram construídos e os convites para as visitas se estendiam a tomar um café no final de semana; participar de uma cantoria na residência de um e/ou outro; comemoração de aniversários; novena, sessão de “benção” entre outros.

³ Para preservar a imagens desses integrantes, o nome do grupo está codificado.

Em cada casa que eu entrava, era possível ver a crença daquelas pessoas. Essa visualização ficava nítida nas escolhas de palavras, nas fotos na parede e nas histórias de vida de cada um.

Na sala, logo na entrada dessas casas, estava o altar, com inúmeros santos e orixás. É importante destacar que não há uma distinção de crenças entre os foliões, nessa cidade. Ao contrário, há uma confraternização espiritual.

3.3. Entrevista narrativa

A entrevista é uma técnica-chave para este trabalho. Porém, ela não pode se pautar somente em questões formalizadas. Ao contrário, ela precisa se configurar como “um método de acesso às pessoas [...]”. (RICHMOND, 1950, p. 47). Talvez, a melhor palavra para esse nomear esse instrumento seja a conversa. Por isso, faço referência à entrevista narrativa, por considerá-la mais dialógica. Os pesquisadores destacam que

As entrevistas narrativas são infinitas em sua variedade, e nós as encontramos em todo lugar. Parece existir em todas as formas de vida humana uma necessidade de contar; contar histórias é uma forma elementar de comunicação humana e, independentemente do desempenho da linguagem estratificada, é uma capacidade universal. (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p. 91).

Esse tipo de narrativa tende a combinar histórias de vidas, memórias e/ou experiências. Nessa linha, podem iluminar as imagens que os sujeitos de pesquisa possuem deles mesmos. Acredito que as narrativas também podem nos dar pistas de uma compreensão das vivências dos foliões, e, ainda, onde eles ancoram e objetivam as suas representações sobre a Folia de Reis.

As entrevistas foram realizadas em cada uma das casas dos foliões. Expliquei para eles o porquê do meu interesse em acompanhá-los e entender um pouco mais sobre a Folia. Perguntei se eu poderia usar um gravador áudio Digital e mediante resposta positiva, solicitei a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Na entrevista, iniciei com um tópico para a narração: **gostaria que você contasse um pouco para mim sobre a Folia de Reis na sua vida**. Esse tópico funciona como um disparador da narração.

No desenrolar dos modos de enunciar, percebi que os foliões construíaam o próprio discurso nas narrativas. Numa dinâmica de rememorar as vivências, repensavam a história de vida por eles enunciadas. E, assim, numa rede discursiva ultrapassavam a descrição dos acontecimentos. Na verdade, os foliões repensavam suas histórias na Folia de Reis, se emocionavam com as próprias atitudes ligadas aquela enunciação.

Pode-se afirmar que os indivíduos são produtores e reprodutores do seu meio social e esse percurso é alimentado pela interação com outros foliões e com a comunidade de Três Corações. Assim, pode-se afirmar que existe um processo de abstração e de generalização da parte de cada indivíduo, dotado de uma capacidade de abstrair-se dos determinismos e/ou constrangimentos de seu meio e da sua vivência. Então, no momento das suas atividades elocutivas, os próprios foliões podem eles mesmos se avaliarem, aderindo ou contestando o próprio dizer. E é a partir dessa dinâmica que os indivíduos constroem, por generalização, os seus **valores**, os seus conhecimentos.

4. Folia de Reis: da promessa ao milagre

A caminho das análises, é possível dizer que os dados apontam para representações que orientam determinadas interpretações. Então, de acordo com as nossas vivências, construimos imagens, exercitamos o nosso senso-crítico; construimos pontos de vista e os compartilhamos. E, assim, fazemos crítica e criamos expectativas de uma realidade comum a um grupo específico. Por exemplo, se pertencemos a um grupo X de religiosos, tendemos a nos identificar com as representações disseminadas por aquele conjunto.

Os excertos abaixo nos dão pistas de um determinado lugar de fala que ultrapassa uma manifestação cultural. O posicionamento da crença percorre dois processos sociocognitivos: o familiar e o não-familiar. Nesses processos, emergem a objetivação e a ancoragem das dimensões representativas.

A objetivação é a passagem de conceitos e ideias para esquemas ou imagens concretas, transformam-se em “supostos reflexos do real”. (MOSCOVICI, 2007, p.61). Ao objetivar atribui-se um sentido a um signo que traduz os conhecimentos relativos ao objeto representado. A ancoragem faz referência ao enraizamento social da representação, isto é, um pensamento constituído; cristalizado. (MOSCOVICI, 2007).

Nessa lógica, podemos flagrar onde um dos foliões pode aportar os seus saberes, discursivamente, realizando, assim, uma leitura de sua realidade.

Para este artigo, selecionei dois excertos que podem ilustrar o meu posicionamento:

A folia de Reis pra mim, se tornou importante é... desde os meus quatro anos de idade... Quando... a minha mãe passou mal... meu pai fez uma promessa pelo problema de saúde dela e graças a Deus... Essa promessa foi atendida lá no céu, e em nome dos Santos Reis...a minha mãe foi curada. Aí desde esse momento, eu passei a conhecer a Folia de Reis.... Eu comecei a seguir o meu pai na Folia de Reis.... Com três anos de idade e nunca mais eu parei. [...] E nesse tempo todo, a gente acompanhando a bandeira dos Santos Reis, a gente foi vendo muitos milagres acontecendo [...]

Notem que a importância da Folia de Reis, nesse caso, está além de festa e/ou cerimônia. A sequência narrativa pautada em verbos, como “seguir”; “acompanhar”; “ir”; “acontecer” podem indicar o passo a passo desse caminho: o não-familiar, ou seja, “a doença da mãe” se ancora na materialização da fé, “em nome dos Santos Reis”. Nessa linha, a narrativa instaura movimentos, indicando formas de representar a Folia de Reis como promessa; a Folia de Reis como milagre.

Em outro excerto, a narrativa do folião se constrói em um lugar de fala de devoto. Apesar de ter a referência da Folia como Folclore, o seu olhar é de subserviência: “tirava reis”; “devoto dos Santos Reis”; “Joelho no chão”. Vejam que a referência aos antepassados, na figura do pai, desencadeia novas representações: a “Folia de Reis é fé nos Santos Reis”; “É religião.”

Observem que, novamente, o não-familiar é desenhado nos modos de dizer como uma doença “espinha aberta.”:

[...] através do meu pai... quando eu era criança ainda, ele já tirava reis. Então, era devoto dos Santos Reis [...] Alguns (...) falam que Folia é folclore, mas para nós que vêm lá de trás junto com os velhos... que ajoelharam... Joelho no chão... (Fulano) (Beltrano) Folia de Reis é fé.... Fé nos Santos Reis.... É religião.... forte mesmo. Os Santos....é... Eu tive graça...quando a minha primeira filha nasceu... Ela nasceu...com problema...com a espinha aberta, então nasceu com as duas pernas para um lado só...quando o doutor falou que tinha que operar... [...] (embargo da voz)... quando eu saí...para ir em casa pegar uns documentos.... Ali...na hora... Eu olhei para ela...e fiz o pedido para os Santos Reis...e Nossa Senhora Aparecida [...]... (embargo da voz)... ela ficou curada.

Percebam que o conflito se ancora na ação de olhar. “eu olhei para ela... e fiz o pedido para os Santos Reis... e Nossa Senhora Aparecida.”

E, nesse ponto de vista, a materialização da representação pode se instaurar na emoção; no embargo da voz. De acordo com Wallon (2005), a emoção está no prelúdio da representação. E ainda, na interação com o meio, com o individual e o social, pode-se criar, reajustar e transformar os seus posicionamentos, haja vista um núcleo central de representações: se inserir na Folia de Reis, mediante a uma promessa e com a obtenção do milagre.

Considerações finais

No percurso final deste trabalho, algumas considerações merecem destaque. Desde o final de 2015, acompanhei a história da Folia de Reis em Três Corações. Apesar de ser uma festa rotineira de final de ano, nessa cidade, a cada ano, notei que os foliões tentavam renovar a arte de cantar, dançar e louvar os Santos Reis.

É possível dizer que esse Patrimônio Cultural e Imaterial de Minas tenta se ressignificar com a atuação de jovens mestres, contramestres e marungos. Pode-se observar ainda que as mulheres, aos poucos, já vão ganhando um maior espaço na própria arquitetura da Folia de Reis. No último encontro em Folia, em 2017, em Nepomuceno, visualizei uma nova geração feminina abrindo o evento com a cantoria.

Cabe pontuar que, no cenário da Folia de Reis, as representações se desenham no movimento do saber, ligado a uma tradução das representações mais sociais ou individuais, quanto os valores individuais/ sociais indexados. Isso quer dizer as representações da Folia como “promessa” e como “milagre” foram flagradas num dado momento de interação. Hoje, talvez, as representações fossem outras. Porém, há indícios de que elas se configurem no mesmo lugar instabilidade, que é justamente o não-familiar. Nesse caso, esse desconhecido emerge numa fatalidade, por exemplo, a enfermidade.

Noto, também, que noção de representação está atrelada à própria construção da proposição. Como afirma Adam (2001, p. 113), a partir da noção de esquematização de Grize⁴, “toda proposição enunciada possui um valor descritivo. A atividade discursiva de referência constrói, semanticamente, uma representação, um objeto de discurso comunicável”,

⁴ Seguindo os pressupostos da lógica natural, Grize relaciona a representação discursiva à noção de esquematização. Para o autor, ao esquematizar, o locutor seleciona os traços de sua referência em detrimento de outros em seu texto em função da situação de comunicação, das condições de produção e também das condições de recepção do seu discurso. Para detalhes, ver: Grize (1996, p. 50).

sendo esta última materializada através do desenvolvimento de uma predicação de um tema ou objeto do discurso. Nesse sentido, há a Folia de Reis atrelada às vivências. Então, as representações constituem construções imagéticas, elaboradas em função da finalidade do enunciador.

Dito isso, as narrações dos foliões, pautadas nas histórias de vida, estão interligadas num sistema de crenças que fazem parte das ancoragens daquele grupo. Isso quer dizer que as comunidades manifestam representações à luz das experiências: os mais velhos como referência; a atividade na Folia de Reis; um problema; a promessa; a cura, e, finalmente, a sua inserção significativa nessa festa.

REFERÊNCIAS

- ADAM, Jean Michel. *A linguística textual: introdução à análise dos discursos*. Tradução de Maria das Graças Rodrigues *et alii*. São Paulo: Cortez, 2011.
- CASCUDO, Câmara. *Vaqueiros e cantadores*. 2ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1984
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Contos tradicionais do Brasil*. São Paulo: Global, 2001.
- CARNEIRO, André e Hamilton. Interpretação de André e Andrade; Irmãs Freitas. *Folia do Divino*. Programa Odair Terra. (45 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CPu0-TOleNA>. Acesso em 17/09/2019.
- GORZONI, Priscila. *Abre as Portas para os Santos Reis!* São Caetano do Sul: Fundação Pró-memória de São Caetano do Sul, 2007.
- GRIZE, Jean-Blaize. *Logique naturelle et communications*. Paris: Presses Universitaires de France, 1996, p. 50.
- JODELET, Denise. *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- JOVCHELOVICH Sandra, BAUER Martin W. Entrevista Narrativa. In: Bauer MW, Gaskell G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes; 2002, p. 90-113.
- JOVCHELOVITCH, Sandra. *Os contextos do saber: representações, comunidade e cultura*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.
- LEITE, Maria Alzira. *Olhares para o professor: representações e discursos*. 1. ed. Colatina: Clock-book, 2017. v. 1. 209p.
- MOLINER, Pascal. *A estrutura das representações sociais*. Trad. Angela Almeida, Carmem Jansen de Cárdenas e Maria Stela de Campos França, com a colaboração de Adriana Giavoni. Do original: P. Moliner. *La structure des représentations sociales*. In: P. MOLINER, Pascal. *Imagens et representations sociales*. Grenoble: PUG, 1996.
- MORENO & MORENINHO. *Hino de Reis. Álbum Folia de Reis. 1991*. 1 disco sonoro (31 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hxB67hgUBMM>. Acesso em 17/09/2019.
- MOSCOVICI, Serge. (eds.). *Social representations*. Cambridge: Cambridge University Press. 1984.
- MOSCOVICI, Serge. *A máquina de fazer deuses*. Rio de Janeiro. Imago. 1996.

MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais: investigações em psicologia social*. Tradução de Pedrinho Guareschi. 5. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História, São Paulo, n.10, dez. 1993, p.7-28.

RICHMOND, Mary Ellen. In: *Diagnóstico Social*. Tradução de José Alberto de Faria, Lisboa: Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge, 1950.

VALA, Jorge. Representações Sociais e Psicologia Social do Conhecimento Quotidiano. In: Jorge Vala e Maria Benedicta Monteiro (Edits), *Psicologia Social* (7ª edição). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2007.

WALLON, Henri Paul Hyacinthe. *A evolução psicológica da criança*. Lisboa: Edições 70, 2005.

Artigo recebido em setembro de 2019.

Artigo aceito em novembro de 2019.